

# **Descrição e análise das características fenotípicas de ovinos abatidos em frigorífico da Região Metropolitana de Porto Alegre.**

Tatiana Hatsck de Souza<sup>1</sup>, Vinícius Gestaro<sup>1</sup> e Verônica Schmidt<sup>2</sup>

## **Resumo**

O estudo objetivou descrever e analisar dados sobre a quantificação de ovinos abatidos em um abatedouro-frigorífico, considerando a procedência, raça, sexo e idade. Os locais de origem dos animais foram as regiões Metropolitana de Porto Alegre, Fronteira Oeste, Fronteira Sul, Campanha e Missões. Foram identificadas quatro raças: Corriedale, Merino, Ideal, Texel- e animais oriundos de cruzamento com a raça Corriedale. Os animais foram categorizados por sexo (como macho castrado e fêmeas) e idade, obtida pela avaliação da dentição (DL- dente de leite; 2D- dois dentes; 4D- quatro dentes; 6D – seis dentes e 8D- oito dentes). Verificou-se que a região da Fronteira Oeste (Rosário do Sul, Quaraí e Santana do Livramento), apresentou o maior número de animais abatidos; a maioria (54%) eram fêmeas; os animais eram de idade adulta, por serem animais de descarte (ovelhas e capões); prevalecendo animais da raça Corriedale e seus cruzamentos. A oferta de ovinos de categoria jovens é baixa, disponibilizando aos frigoríficos uma maior quantidade de animais com categoria avançada para abate. Esses ovinos são adquiridos a grande distancias da região metropolitana, dificultando o transporte e deslocamento desses animais. Pela alta demanda, a solução que os frigoríficos encontram é a compra de animais de categorias de menor qualidade de carne para suprir o mercado.

**Palavras-chaves:** abate ovino, procedência, raça, cruzamento.

## **1. Introdução**

A ovinocultura está difundida no mundo inteiro, prática de produção antiga, no qual se persiste até hoje. O mercado da carne ovina no Brasil expandiu-se de forma significativa nos últimos anos, por aspectos ambientais, econômicos e sociais relevantes, mas ainda necessita superar obstáculos, como a carência de estrutura e de investimentos na cadeia produtiva brasileira. Alguns anos atrás, o Brasil possuía sua ovinocultura concentrada no Rio Grande do Sul, voltada à produção de lã, (especificamente com raças laníferas) e raças deslanadas oriundos de uma produção extensivo e com baixa tecnologia, caracterizada como uma criação de subsistência, na região Nordeste (VIANA, 2008).

Como decorrência da desvalorização da lã, a atividade econômica, no RS, foi voltada para o setor de carne nas últimas décadas. O consumidor está mais exigente, no

---

<sup>1</sup>Zootecnista

<sup>2</sup>Médica Veterinária, professora Titular, UFRGS.

tocante à qualidade, exigindo padronização e desejando uma carne macia com pouca gordura e succulenta. A produção de carne ovina no Rio Grande do Sul ainda é incipiente comparado a oferta de carne de outras espécies como por exemplo, bovinocultura de corte, a qual possui uma cadeia produtiva com credibilidade, mercado estruturado e consolidado. Já a produção ovina difere-se por apresentar muitas dificuldades que interferem no desenvolvimento comercial, industrial e produtivo. Existente conflito entre produtores e frigoríficos, decorrente do abate de animais, na sua maioria de descarte, pela baixa oferta por parte do produtor de carne de qualidade e pelo elevado preço comercial da carne (PEREIRA NETO, 2004) (FIRETTI, 2010).

Além disso, estima-se que 90% da carne ovina nacional seja proveniente do mercado informal. Esses problemas têm consequências mais agravantes no Rio Grande do Sul, onde estima-se que 60% dos abates ocorram de forma informal e ligados ao abigeato nas propriedades (SILVEIRA, 2005). A atividade é potencialmente lucrativa e pode gerar desenvolvimento. Entretanto, deve evoluir no tocante à qualidade da carne para conquistar o consumidor mais exigente e, assim, agregar valor e renda ao produtor.

Dados da Secretaria de Agricultura do Estado do RS, levantados por (SANTOS, AZAMBUJA, & VIDOR, 2009), demonstram que o número de abates ovinos foi o menor de todas as espécies, no período analisado, e suas estruturas em números não se comparam à quantidade de infraestrutura de bovinos, aves e suínos.

A comercialização dos ovinos entre abatedouros-frigoríficos e os produtores é praticada através do pagamento por peso vivo; este fato é decorrente da falta de adequação ao sistema brasileiro de classificação e tipificação de carcaças embora o Sistema Nacional de Classificação e Tipificação de carne ovina tenha sido disponibilizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento desde 1990; este sistema estabelece parâmetros de qualidade e padronização do produto a ser comercializado, considerando carcaças inteiras até os cortes comerciais (MAPA, 1990).

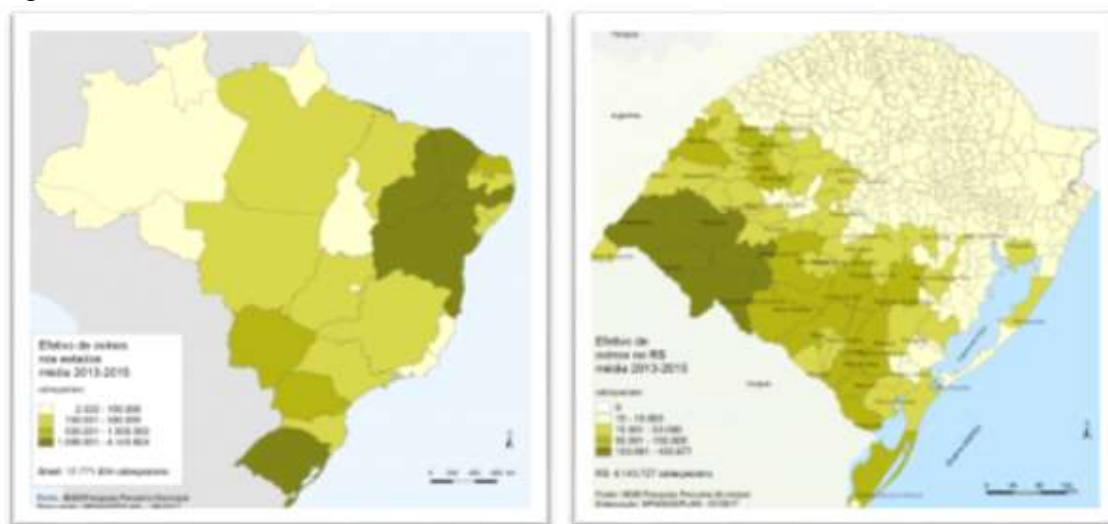
Os produtores gaúchos, quando teve início a crise laneira, priorizaram as raças de dupla aptidão, como Corriedale, mudando o foco do produto principal, e iniciaram a produção de carne com maior intensidade do que a lã. Assim, os produtores não abandonaram a atividade e sim migraram para a produção de carne ovina, importando animais de raças específicas para produção de carne, tais como Hampshire Down, Ideal, Suffolk, Ile de France, Poll Dorset e Texel.

No entanto, o crescimento do poder aquisitivo e o aumento do consumo de carne pela população, estão evidenciando uma nova alternativa para o mercado nacional e

internacional. Esta situação, favorecendo o cenário para desenvolvimento da atividade, restabelecendo a comercialização. Sendo assim, a produção de carne se tornou o principal elo da atividade ovina. Os preços pagos aos produtores elevaram-se na última década, tornando esta uma produção atraente e rentável.

Mesmo com a alteração no produto final da atividade, os rebanhos reduziram-se drasticamente, mas a atividade não desapareceu por completo (VIANA, 2008). A ovinocultura passou a se expandir por outras regiões brasileiras além da região Sul, principalmente na região Nordeste, a qual apresenta o maior rebanho efetivo do Brasil. O rebanho brasileiro está estimado em 18 milhões de cabeças/ano, segundo (IBGE, 2013-2015), cerca de 1,4% do efetivo mundial. As regiões Nordeste e Sul, o efetivo ovino representa 55% e 34,5%, respectivamente. Nas outras regiões brasileiras esse número é menor: 2,5% no Norte, 5% no Centro-Oeste e 3% no Sudeste (Figura1).

Figura 1 - Efetivo do rebanho de ovinos no Brasil e no Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE/Pesquisa Pecuária Municipal (2017)

Segundo dados do (IBGE, 2015), o rebanho gaúcho apresentou uma média anual de cerca de 4 bilhões de cabeças, sendo o segundo maior rebanho do país e demonstrando, importância econômica e cultural. O consumo per capita da carne ovina anual na Nova Zelândia é de 49,6kg/habitante e da Austrália é de 18,4kg/hab, enquanto o Brasil tem um consumo em médio de 0,7kg/hab./ano e, no RS, cerca de 2 kg/hab./ano, maior que no país. Ainda de acordo com (IBGE, 2015), os principais municípios produtores encontram-se nas regiões Sul e Sudoeste do Estado, sendo que a cidade de Santana do Livramento é a cidade com maior rebanho com mais de 4 mil cabeças; seguido por Alegrete, com quase 3 mil cabeças.

## **2. Material e Métodos**

O estudo fundamentou-se por pesquisa bibliográfica (GIL, 2010) e estudo de caso. O estudo de caso classifica-se, quanto aos seus objetivos, como descritivo (GIL, Estudo de caso, 2009) pois procurou-se identificar as múltiplas manifestações do fenômeno em estudo e descrevê-lo.

O estudo foi realizado em um abatedouro-frigorífico, sob inspeção estadual, no Município de Sapiranga/RS, com capacidade máxima de abate de 160 animais diários.

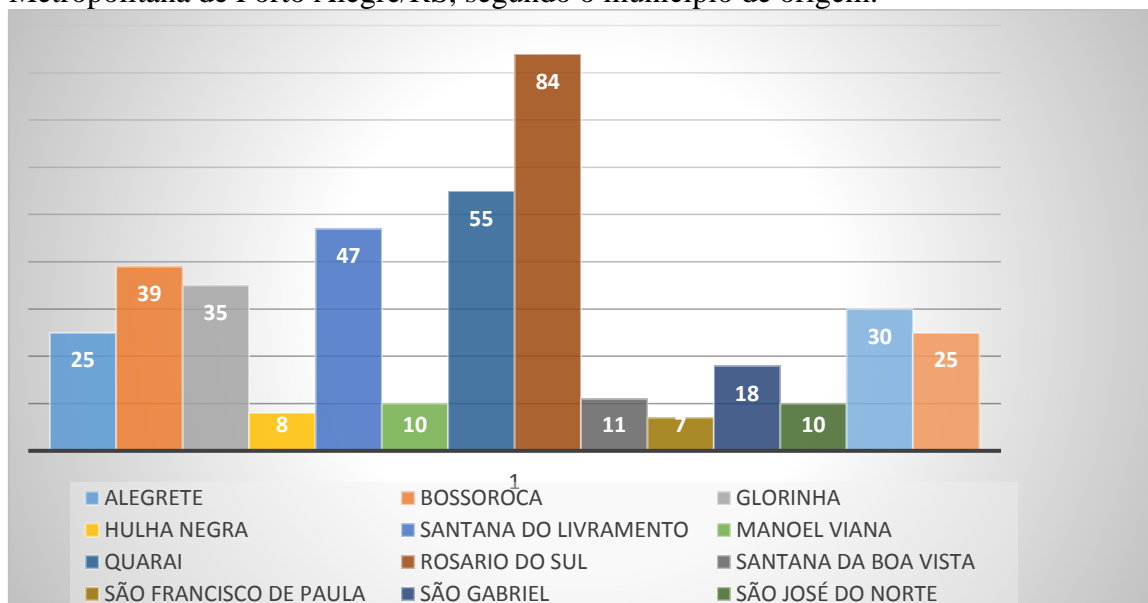
No período de janeiro a abril do ano de 2018, coletaram-se informações quanto a procedência (municípios de origem), raça, assim como identificação por sexo (machos castrados e fêmeas) e idade (DL – dente de leite; 2D- dois dentes; 4D – quatro dentes; 6D – seis dentes e 8D- oito dentes).

A característica por idade foi apurada na linha de abate, identificando a dentição por animal e utilizou-se o Sistema Nacional de Classificação e Tipificação da Carcaça Ovina (MAPA, 1990).

## **3. Resultados e Discussão**

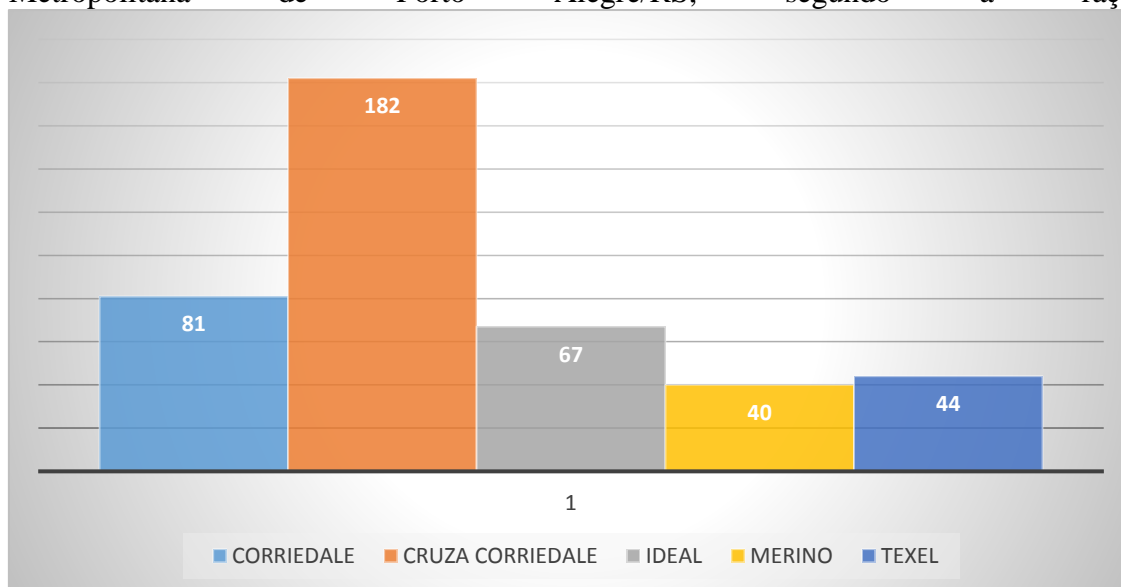
Nesse período foram abatidos 414 ovinos provenientes dos municípios da Fronteira Oeste (Alegrete, Santana do Livramento, Manuel Viana, Quaraí, Rosário do Sul, São Gabriel e Uruguaiana), Missões (Bossoroca), Região Metropolitana de Porto Alegre (Glorinha, Gravataí e Viamão), Campanha (Hulha Negra), Sul (Santana da Boa Vista e São José do Norte) e Serra (São Francisco de Paula). Destacaram-se os municípios da Fronteira Oeste: Rosário do Sul (1º), Quaraí (2º), Santana do Livramento (3º), região na qual a maioria dos animais abatidos foram originários dessa região (Figura 2).

Figura 2 – Número de ovinos abatidos em abatedouro-frigorífico da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, segundo o município de origem.



Foram identificados animais das raças Texel, Ideal, Merino, Corriedale e cruzamentos, sendo que os animais de cruzamentos raciais foram os mais representativos (19,8%) dos ovinos abatidos. Embora a raça Merina tenha como finalidade a produção de lã, ainda assim, animais de rebanhos com finalidade laneira, também destinam animais para abate com a finalidade de produção de carne, com menor representatividade no total de animais abatidos (Figura 3).

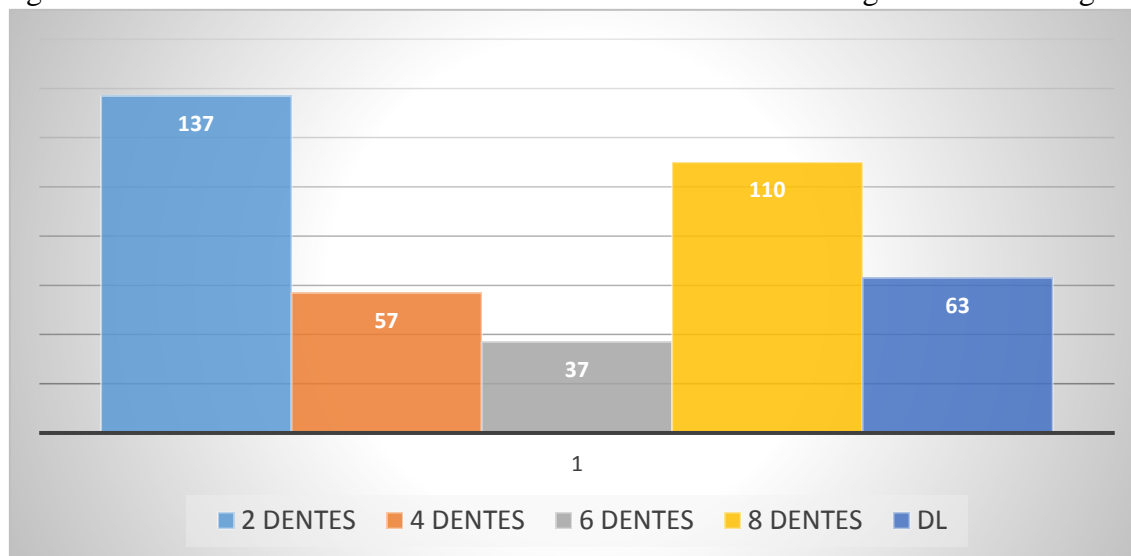
Figura 3 – Número de ovinos abatidos em abatedouro-frigorífico da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, segundo a raça.



Verificou-se que 54% dos animais abatidos eram fêmeas, destacando maior número de matrizes (ovelhas descarte) abatidas. Este é um fator que tem contribuído com a redução do plantel no Rio Grande do Sul. O abate de matrizes traz, como consequências, menor número de fêmeas para cobertura, redução da taxa de nascimentos e diminuição do efetivo total na região. A melhoria do potencial genético do rebanho acompanhada de melhorias de manejo em geral e, particularmente, da alimentação, nutrição e sanidade (CAVALCANTE, WANDER, & LEITE, 2005) haveria incremento na produção de animais (machos) para abate.

Constatou-se que os animais abatidos com maior frequência (33,1%) são animais de dois dentes, na categoria borregos(as). Entretanto, os animais adultos (4, 6 e 8 dentes) somados, totalizaram 204 (49,3%) animais (Figura 4). Estes são, normalmente, animais de descarte, ou seja, fêmeas eliminadas da reprodução e capões. Essa categoria sobressai às categorias cordeiros e borregos, evidenciando a importância na visão de mercado, a qualidade da carcaça ovina que é consumida e comercializada no RS sendo de ovelhas e capões descarte.

Figura 4 – Número de ovinos abatidos em abatedouro-frigorífico da Região



Metropolitana de Porto Alegre/RS, segundo a dentição.

### Conclusões

Evidenciou-se que os ovinos abatidos são de unidades produtivas distantes ao abatedouro-frigorífico. Destacaram-se as raças com aptidões cárneas e seus cruzamentos.

Contudo, a comercialização desta espécie ainda é, predominantemente, de animais de descarte, por ser uma produção sazonal e não há escalonamento da produção anual, dificultando ao frigorífico obter categorias jovens justificando, por muitas vezes, o alto preço final ao consumidor, pela alta demanda e baixa oferta.

## **Referências**

- CAVALCANTE, A. C., WANDER, A. E., & LEITE, E. R. **Caprinos e Ovinos de corte**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005, 241p.
- FIRETTI, R. E. **Percepção de consumidores paulistas em relação a carne ovina: análise fatorial por componentes principais**. Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal, Salvador, v.11.nº1, 2010, p. 1-12.
- GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009, 148p.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010, 184 p.
- IBGE. **Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm\\_2015\\_v43\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm_2015_v43_br.pdf); 2015.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. **Fonte: IBGE**: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm\\_2015\\_v43\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm_2015_v43_br.pdf); 2013-2015.
- MAPA. **Sistema Nacional de Tipificação de carcaças ovinas**. Portaria nº307. Brasil, 1990, p 1-5.
- PEREIRA NETO, O. **Práticas em ovinocultura: ferramentas para o sucesso**. Porto Alegre: SENAR-RS, 2004, 136 p.
- SANTOS, D., AZAMBUJA, R., & VIDOR, A. **Dados populacionais do rebanho ovino gaúcho**. **Fonte: Departamento de Produção Animal (DPA) da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio (SEAPPA)**. Porto Alegre-Rs, 2009: [http://www.saa.rs.gov.br/uploads/1294316729Dados\\_populacionais\\_do\\_rebanho\\_ovino\\_gaucha.pdf](http://www.saa.rs.gov.br/uploads/1294316729Dados_populacionais_do_rebanho_ovino_gaucha.pdf)
- SILVEIRA, S. **Coordenação na cadeia produtiva de ovinocultura: o caso do conselho regulador Herval Premium**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em Agronegócios)-Centro de estudos e Pesquisa em Agronegócio UFRGS. 2005, 104 p.
- VIANA, J. **Panorama Geral da ovinocultura no Mundo e no Brasil**. Revista Ovinos, v.4, nº12, 2008, p. 1-10, Porto Alegre.

